



NÃO PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSA

De 77 para 78-Mau ano agrícola provocou aumento do "déficit" comercial

«O déficit» da balança comercial (diferença entre importações e exportações) da Guiné-Bissau em 1978 foi de um milhão, 303 mil e 830 contos, segundo o Boletim do Co-

mércio Externo, relativo ao mês de Dezembro e que só agora saiu. Isto significa que as importações foram quatro vezes superiores às exportações, sendo a taxa de co-

bertura de 24,5 por cento. Em 77, a taxa de cobertura das importações pelas exportações foi de 34,5.

Durante o ano de 1978

Comprámos ao estrangeiro mercadorias no valor de um milhão 726 mil e 412 contos enquanto vendemos produtos nacionais na quantia de 422 mil e 642 contos. Esta diferença ilustra bem como ainda dependemos do exterior, o que urge diminuir a todo o custo. Aliás, isso está na base das recentes medidas de austeridade decretada pelo nosso Governo e que foram reforçadas com a suspensão de vendas de divisas, nomeadamente para compra de viaturas e peças sobresselentes, o que vinha sendo feito sem um critério uniforme e um controle menos rigoroso que necessário.

A brusca quebra na taxa de cobertura das exportações pelas importações de um ano para outro desceu de 34 para 25 por cento devem-se, fundamentalmente, ao mau ano agrícola por escassez de chuva. Isso, aliás, prova-se facilmente: Em 77 importámos 13 mil toneladas de arroz (100 mil contos) e em 78 foi necessário comprar no es-

(Cont. na pág. 8)

Tem chovido razoavelmente

Não há motivos para alarme quanto a precipitação de chuvas no país. Segundo dados pluviométricos fornecidos ao «NP» pela Meteorologia, este ano foi registado maior quantidade de chuva em comparação com os anos de 77 e 78, no mesmo período de tempo, isto é, o total dos meses de Maio e Junho, mais os dez primeiros dias de Julho.

Concluiu-se que em Bissau, a precipitação de 79, só no mês de Junho, calculada em 285,7 milímetros, é duas vezes superior àquelas verificadas no mesmo mês nos dois últimos anos. A única diferença surgiu nos últimos dias de Junho e

até 10 de Julho corrente, em que apenas registaram dez milímetros, enquanto que em 77 e 78 foi respectivamente de 58,6 e 107,9.

Em contacto com um dos técnicos meteorológicos de Bissau, acerca das possibilidades ou não de variações de precipitação durante este ano, tendo em conta os dados registados no mesmo período de tempo nos três anos, fomos informados de que «ninguém neste mundo pode fazer tal previsão e muito menos num país da costa Ocidental da África onde há poucos conhecimentos científicos sobre as monções».

De acordo com dados

extraídos num documento apresentado por técnicos do Desenvolvimento Rural no terceiro encontro do arroz, existem duas zonas pluviométricas no nosso país: a norte do rio Geba e ao sul desse mesmo rio.

Bissau é considerada o fúlcro, sendo que as precipitações diminuem no sentido de Farim e aumentam no sentido de Catió. Há, no entanto, a considerar que na orla marítima, por influência de ventos do mar e de diferenças de temperatura entre o continente e a orla, se verificam fenómenos de pressões que provocam uma maior pluviosidade nas costas.

Constantino Teixeira regressou de S. Vicente

Após ter representado o nosso País nas comemorações do IV Aniversário da Independência da República irmã de Cabo Verde, regressou anteontem a Bissau o camarada Constantino Teixeira, Membro da Comissão Permanente do CEL do Partido e Comissário de Estado do Interior.

Transportes, Comércio e Telecomunicações entre a Guiné e Cabo Verde vão ser discutidos em Bissau



Herculano Vieira

Vários assuntos pendentes entre os departa-

mentos de Transportes e Telecomunicações da Guiné-Bissau e dos Transportes e Comunicações de Cabo Verde, vão ser resolvidos durante a estadia em Bissau do camarada Herculano Vieira, titular da referida pasta no país irmão, chegado anteontem à nossa capital.

Segundo ele, muitos desses assuntos já tinham sido discutidos em recente reunião em Cabo Verde, mas que não tiveram uma solução definitiva. «Contamos com

todo o apoio dos nossos homólogos da Guiné-Bissau», comentou Herculano Vieira.

Uma outra questão que vai ser abordada e que Herculano Vieira considera de muita importância neste processo da Unidade Guiné-Cabo Verde é o de comércio, para além de transportes e telecomunicações.

O camarada Herculano Vieira que, também é o Presidente das Comemorações em Cabo Verde,

(Cont. na pág. 8)

Conselho de Comissários decide

Obrigatório o fornecimento de dados estatísticos

O Conselho de Comissários de Estado, na sua reunião ordinária de ontem, aprovou o anteprojecto de decreto apresentado pelo Comissariado de Estado da Coordenação Económica e Plano sobre a obrigatoriedade de fornecimento de dados aos serviços de estatística. O referido documento que considera a obtenção de dados de base condição fundamental para a planificação da vida económica do país, aponta a necessidade de melhor coordenar, disciplinar e controlar a recolha dos referidos dados, tendo em conta o facto de as normas actualmente em vigor já não corresponderem às necessidades da organização de um novo sistema nacional de estatística.

Tendo em vista os propósitos acima referidos, o Conselho de Comissários de Estado, no uso da faculdade que lhe é atribuída pelos art. 46.º e 47.º da Constituição, atribui ao Comissariado de Estado da Coordenação Económica e Plano, através da Direcção-Geral de Estatística a função de assegurar a centralização do sistema estatístico da República da Guiné-Bissau.

Por outro lado, declara-se obrigatório para os órgãos de Estado, as pessoas singulares e colectivas o fornecimento de dados estatísticos de acordo com o procedimento, formas e prazos estabelecidos pela Direcção-Geral de Estatística daquele Comissariado.

Questão da Palestina em debate na OUA

MONRÓVIA — As questões do Próximo-Oriente e da Palestina, assim como a eventual criação de uma força de defesa pan-africana, dominaram, ontem, os debates do Conselho de ministros da OUA reunido em Monróvia para preparar a 16.ª cimeira da organização.

Anteontem, os ministros discutiram o relatório do Comité de Libertação, tendo abordado os problemas do Zimbábue, da Namíbia, da África do Sul, ilhas Reunião e Canárias.

O governo fantoche da Rodésia, a política do

actual regime britânico do Senado americano foram condenados pelos participantes. A Libéria recusou receber qualquer delegação do regime de Salisbúria, enquanto a Tanzânia advertiu a Grã-Bretanha sublinhando que o levantamento das sanções económicas equivaleria a um reconhecimento de regime de Salisbúria a porta de um declaração de guerra contra os países «linha de frente».

O Conselho de ministros pediu a aplicação das sanções contra a África

(Cont. na pág. 8)

Rapidez só para amigos e clientes conhecidos

O problema que eu irei abordar aqui, é um caso um pouco preocupante a todos os frequentadores da confeitaria Império, sítio de que todos nós conhecemos o movimento que ali se vive devido a sua boa localização.

Trabalhadores oriundos de diversos locais de trabalho, estudantes etc., é aí que se concentram para tomar uns refrescos diminuindo a magnitude da canseira do dia.

Mas é bom que se chame a atenção ao dono do reterido bar, pela maneira como os seus trabalhadores se comportam para com os clientes. De facto não é a primeira vez que eu lá vou, e que assisto a discussões entre os clientes e os empregados, cenas tristes que vêm sendo sistemáticas, empregados que, sem margem para dúvidas, são eles, às vezes, os provocadores de tais situações. Não sei se é por falta de conhecimento ou quê, mas a verdade é que pude efectivamente ver com os meus próprios olhos, cenas e atitudes bastante desagradáveis.

Na esplanada, pessoas que chegam depois, e que são conhecidas pelo empregado, são logo atendidas. Quería pedir aos responsáveis, ou responsável, do bar para que chame os seus empregados e lhes faça ver que aí é preciso desconhecer todos para poder trabalhar honestamente. Mas também queria chamar a atenção do próprio dono no sentido de aumentar pelo menos mais um empregado na esplanada, porque realmente os dois que lá estão, não correspondem às exigências. O meu pedido de atenção ainda vai também para o facto de às vezes os bolos, camarões etc. apresentarem-se um pouco deteriorados.

Termino aqui esperando que todos esses assuntos abordados por este assíduo leitor, encontrem da parte do responsável do bar Império, uma solução mais justa para que ele não venha a perder o prestígio de que goza por parte do público, uma vez que é dos poucos que se esforça para fazer alguma coisa de válido.

N'DJIPOLO CA

Guiné-Bissau na Conferência da FAO

A Guiné-Bissau estará representada na Conferência da FAO sobre a Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural, que decorre em Roma de 12

tísticas, as causas principais da pobreza rural são antes de mais, ligadas às estruturas agrárias, tais como a distribuição desigual das ter-

milhões de pessoas no fim do século. As tendências actuais da população deixam prever que o déficit cerealífero dos países em vias do desen-



Participação das massas rurais no desenvolvimento rural

a 20, por uma delegação do Commissariado de Estado do Desenvolvimento Rural, chefiada pelo titular desta pasta, camarada Mário Cabral.

O tema principal dos debates será a participação das massas rurais no desenvolvimento, cuja situação não deixa de se agravar, segundo estatísticas da ONU. Ainda segundo estas esta-

ras e das águas leis por vezes arbitrarias e dificuldades de acesso às técnicas modernas.

Ao nível das políticas nacionais, sublinha a F. A.O., o sector rural é desfavorecido em matéria de investimentos públicos, tanto como no comércio internacional.

Segundo a FAO, a população rural deverá atingir a cifra de 2.896

milhões de toneladas em 1970, ultrapassará os 90 milhões de toneladas em 1985.

De salientar a referida Conferência será presidida pelo antigo Chefe de Estado venezuelano, Rafael Caldera e na mesma será adoptada uma declaração de princípios e um plano de acção aos níveis nacional e internacional.

Reunião do Partido em Bolama

Realizou-se no passado fim-de-semana, na cidade de Bolama, uma importante reunião do Comité do Partido da Região Bolama-Bijagós. A reunião tinha como

objectivos, fazer um balanço das actividades do Comité e proceder a mudanças de ordem estrutural no seu seio.

Foram eleitos para os

cargos de Secretários de Organização do Partido do sector de Bubaque e Bolama, os camaradas Constância Alves e Fernando da Silva.

Fernando Fortes regressa de Portugal

Depois de uma breve estadia em Portugal, a convite do ministro português dos Transportes e Comunicações, regressou ontem a Bissau, o camarada Fernando Fortes, membro do CSL do Partido e Comissário do Estado dos Correios e Telecomunicações.

Durante esta sua estadia na capital lusitana, foram assinados alguns documentos de interesse mútuo, principalmente no domínio das telecomunicações.

Nas declarações que prestou à informação nacional, o camarada Fernando Fortes insistiu em realçar o grande espírito de abertura e compreensão dos problemas, pela parte portuguesa.

«Espero que dentro de pouco tempo poderemos colher os frutos da nossa cooperação nos domínios das Telecomunicações», disse o camarada Comissário.

52 milhões de crianças no trabalho

As crianças dos 10 aos 14 anos de idade constituem quatro por cento da mão-de-obra dos países capitalistas desenvolvidos. A protecção à estes trabalhadores de menos idade é nula. Os acidentes de trabalho vitimam, anualmente, milhares destas crianças, que perfazem 52 milhões em todo o mundo. «In Diário de Lisboa».

Responde o povo

Come dinamizar as actividades culturais (1)?

Não se pode considerar como «animação cultural» os bailes de fins-de-semana.

Mas infelizmente é só o que tem havido ultimamente. Actividade recreativa interessante, não é um baile, e ainda por cima insuficiente para preencher o espaço vazio e a sede de cultura que manifesta o nosso povo.

Para perceber melhor as razões desta situação o «Nô Pintcha» resolveu interrogar algumas pessoas que responderam à pergunta: como dinamizar as actividades culturais?

Carlos Henrique — 24 anos Funcionário Público — «Para dinamizar uma maior actividade cultural no país seria necessário criar centros culturais que poderiam encarregar-se de todo o trabalho relacionado com a cultura, pois só assim essa poderá ter uma boa orientação e dar bons frutos e sabemos bem

que há possibilidades para tal.

Acho que se têm estado a ser levados a cabo actividades recreativas, bem organizadas, para as crianças.

Nota-se ainda que há uma certa retração dos pais em não permitir que os filhos participem em actividades do género,

o que perturba a formação de um homem novo para uma sociedade nova.»

Euclides — Trabalhador da função pública. — Quanto a animação cultural em algumas zonas urbanas penso que é muito escasso, o que não acontece, por vezes em algumas zonas rurais.

A actividade cultural salvo algumas excepções, parte das iniciativas individuais, quando algumas pessoas se agrupam para divertir.

Penso ainda que se podiam criar organizar especiais só para o nível infantil, incentivando, assim, as crianças a parti-

ciparem para depois serem, na verdade, homens com a formação que procuramos. No meu ver acho que o teatro é que poderá despertar interesse na camada mais jovem, e para além disso, penso que é a que transmite mais directamente uma mensagem política e social.

Justiniano Coelho Mendonça RDN — Eu julgo que a falta de animação cultural que se vem registando no país, é devido em parte à inactividade de alguns departamentos que têm por função patrocinar o tipo de animação cultural necessário à nossa juventude e ao nosso po-

vo em geral, com vista ao desenvolvimento sócio-cultural de todos nós.

Existe uma série de organizações que poderíamos trabalhar para reanimar a nossa actividade cultural: JAAC, Comissão Feminina, a Juventude e Desportos e vários outros departamentos podiam fazer vários tipos de concurso como a dança, competições desportivas, teatro e que, se realizados frequentemente, incitariam a nossa juventude a participar, a dar mais interesse e a conhecer melhor os valores culturais da nossa terra.

Claro que como disse anteriormente, tudo isso viria a contribuir para elevarmos o nível dos nossos conhecimentos e patrocinarmos melhor a nossa animação cultural.

Quando falo da juventude, quero igualmente referir-me às nossas crianças, que muito tem para nos transmitir.

Elas também devem ser incitadas com frequência em participar em actividades culturais. Mas para isso, deveria haver alguém à frente delas, que as levassem a criar um certo interesse e entusiasmo para essa actividade.

Gerâmica tradicional de Fonte Lima é fruto exclusivo do trabalho manual

São quase cinquenta. Trabalham sete dias na semana e há muito que não param. Tratam dos muitos filhos, lavam-nos, cozem-lhes a roupa, alimentam-nos, cavam o barro na Carreira e noutros barrancos, transportam-no em pesados sacos à cabeça, pisam-no, escavam-no, dão-lhe forma, cozem-no com a bosta e a palha trazida das achadas ao longe, do barro fazem objectos domésticos e utilitários, que se espalham por toda a ilha e atingem, pelo menos, o Fogo e o Maio. Há séculos que elas continuam aquela tradição da olaria artesanal caboverdiana. Incansáveis, trabalhando ao sol e ao vento, sem roda de oleiro e sem forno, muitas delas com «o pote por único marido», são as mulheres de Fonte Lima, na Ribeira dos Engenhos, ilha de Santiago.

A cerca de três quilómetros da sede do concelho de Santa Catarina, descendo do planalto da Assomada pela Ribeira dos Engenhos, fica situada a aldeia de Fonte Lima, o actual maior centro de produção artesanal de cerâmica doméstica em todo o território nacional.

Mais de 40 mulheres mantêm viva a antiga actividade e dela vivem e quase exclusivamente alimentam os seus. Os homens emigraram na sua maior parte e os poucos que restam encontram trabalho nas obras de construção de diques, banquetas e barragens que, por numerosos recantos da área, são levados a cabo pelo Ministério do Desenvolvimento Rural.

São elas que realmente continuam a velha arte dos barro. A argila, única matéria prima, é cavada nos barrancos da Carreira e noutras gretas de terra que mostram o valioso barro existente por quase toda a ilha de Santiago.

Transportam-no à cabeça, em pesados sacos de linhagem, pisam-no com paus em movimento de «coçchir» o milho no pilão, juntam-lhe a água, amassam-no, dão-lhe o primeiro jeito da peça, escavam-no, estendem-no, dão-lhe a forma cilíndrica para os vasos, abobadada para os potes, dos suas mãos nasce a satisfação das mais diversas necessidades.

A tradicional roda de oleiro é instrumento de trabalho desconhecido em Fonte Lima. A forma circular dos instrumentos é conseguida em inúmeras voltas em redor da peça de cerâmica que se está a moldar. Só um pano molhado e tudo o resto é feito à mão: vasos, fogareiros, bides, potes, potinhos, moringos, bandejas, tachos, panelas e outros instrumentos, todos de uso doméstico e sempre utilitários.

Bonecos, bonequinhos, figuras de mulheres, homens, santos e santinhos, animais, pássaros, casas e

igrejas, são quase exclusivamente feitos pelos pequenitos, em tardes de brincadeira... Mas já assim, fazem algum dinheiro e vão aprendendo a futura arte que, também eles, não-de transmitir aos seus netos, em continuidade assegurada.

«COZE-SE» A LOUÇA

Margarida Moreira, de 77 anos, é um exemplo vivo dessa transmissão secular da arte da cerâmica popular. Ainda faz olaria, vai vendê-la na Assomada e na Praia, mas já não é ela que percorre os longos carreiros até às achadas ao longe, em busca de bosta de vaca e de palha com que queimar o barro.

Sim, que forno de oleiro é coisa que também não há em Fonte Lima, como de resto, na maior parte das olarias tradicionais da África. Parte-se de madrugada, em grupos de quatro, seis, doze mulheres, recolhe-se o excremento dos animais nas zonas de pastagem, em Jon Morgado, Mosquito d'Horta, Pico Leão, Achada Mula, Água Grande e Cama Vaca, e volta-se só pela tarde.

A palha é conseguido junto dos agricultores, dando louça em troca.

Ao sábado, prepara-se a queima do barro. Lastro de bosta, pilhas de louça em várias camadas, aproveitando todos os espaços. Por cima, palha. Noite além, até a manhã

de domingo, a fogueira arde durante toda a madrugada. É já louça fresca que, em muitos domingos, sai de Fonte Lima, a caminho dos mercados e feiras de Santiago.

Tchon Moreira é o nome do largo batido pelo sol, unicamente com duas mangueiras, onde cerca de metade das mulheres de Fonte Lima e muitas crianças desenvolvem todo o seu dia de trabalho. Ali chega o barro, o palha, a bosta e água. Dali saem, já prontas, todas as peças de olaria para comercializar.

O outro local da queima, logo à entrada da aldeia, vindo do Assomada, executa a última fase do circuito de produção da outra metade das mulheres que trabalham normalmente em pequenos terreiros, frente à casa.

Uns três quilómetros abaixo, na mesma Ribeira dos Engenhos, fica situado o Ribeirão Carriço, centro já mais pequeno de produção de cerâmica artesanal. Maria Amélia Mendes da Silva e Eugénia Lopes Morgado, 6 e 7 filhos, maridos a trabalhar em Portugal, são as duas únicas artesãs que ainda dão continuidade à arte dos antepassados.

A SECTA TEM DE APOIAR AS VELHAS ARTESÃS

Problemas de trabalho têm nos as mulheres de Fonte Lima, desde a pro-

cura do barro até à venda e à canalização para o mercado. Há questões com a rendeira do sítio onde se extrai a matéria prima, que o Secretariado Administrativo de Santa Catarina está em vias de solucionar, circunscrevendo uma zona de exploração privada.

A venda é feita na Assomada e nos mercados de Órgãos, de S. Domingos, do Tarrafal e da Praia. Mas para chegar à capital há que alugar uma camioneta a 800 escudos a viagem, duas mulheres por semana têm de acompanhar o barro e deixam assim de trabalhar.

Uma missão da Secretaria de Estado do Comércio, Turismo e Artesanato deslocou-se recentemente a Fonte Lima a fim de elaborar um relatório sobre aquele centro de cerâmica artesanal, em ordem à definição de um programa de apoio e desenvolvimento da valiosa olaria tradicional.

Uma notícia veiculada na nossa edição de Junho (Voz do Povo 8 de Junho) e originária do nosso correspondente na Assomada foi, contudo, objecto de um desmentido por parte de um alto funcionário da SECTA. Nada está ainda decidido sobre a construção de um recinto de trabalho, nem relativamente à concessão de novos equipamentos.

O assunto está a ser estudado e tudo leva a crer que o departamento

governamental responsável pelo Comércio Turismo e Artesanato vai auxiliar as heróicas artesãs de Fonte Lima, mostrando-lhes determinadas técnicas de trabalho, possibilitando-lhes a adopção da roda de oleiro, resolvendo-lhes os problemas de escoamento do produto e de canalização até o vasto mercado, que pode alargar-se a todas as ilhas do território caboverdiano.

J. GALAMBA

Campeonato de futebol na Ilha do Sal

Os desportistas de Sal festejaram no dia 8 do mês findo o início pela primeira vez, após a independência, do campeonato de futebol, que conta com a participação de sete equipas, sendo as seis já habituais (Juventude, Académica, Académico, Santa Maria, Palmeira e Pedra Lume) e mais uma recém admitida, que é o Clube Desportivo do Sal (FARP).

Nos jogos referentes a esta 1.ª jornada, verificaram-se os seguintes resultados: Juventude, 1 — Académica, 0; Académico, 1 — Santa Maria, 1; Desportivo do Sal (FARP), 1 — Palmeira, 3.

Ser africano não é vestir bubu

Ao comentar a situação geral da luta, por ocasião do Seminário de Quadros de 1969, o camarada Amílcar Cabral, Fundador da Nacionalidade e primeiro Secretário-Geral do PAIGC falou claramente aos camaradas dizendo-lhes que «ser africano não é vestir bubu», mas antes, «pegar tesão no trabalho, morrer se necessário pelo Partido porque sabem que ele é a força do povo». «Quem não entendeu isso, não entendeu nada ainda», comentava, então, o camarada Secretário-Geral num texto de plena aplicação aos nossos tempos e à nossa África de hoje e que reproduzimos em função dessa actualidade:

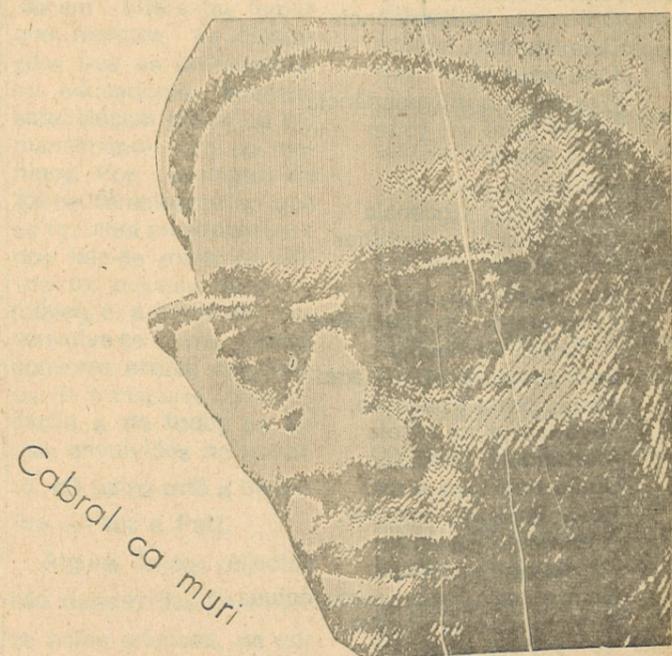
«Muitos africanos pensam que ser africano é vestir bubu, pôr panos. Qual tretas, camaradas. O pano é muito bonito, o bubu é muito bonito, mas não é melhor do que as outras roupas. Isso são complexos que não valem nada. Africanos são aqueles

que são capazes de dar a sua vida pela África, capazes de defender os interesses do povo africano, diante seja de quem for. Esses é que são africanos. E quando têm um Partido como o nosso, são capazes de pegar nele tesão, para morrerem se for

preciso, porque sabem que ele é a força do seu povo. «Quem não entendeu isso, não entendeu nada ainda».

«(...) Não podemos medir o patriotismo de cada um, a sinceridade de cada um pela cor da sua pele, ou pelo nome que tem ou pela maneira como se veste. Nós somos de África em África há bubus. Panos, se queremos usá-los, usamos. São nossos. E quando vestirem o bubu não tenham vergonha de ninguém. Mas também não pensam que são mais do que ninguém porque não usam fatos. E temos que reconhecer, camaradas, que para traba-

lhar numa fábrica, para a lavoura, para trabalhar a sério, não é com bubu, nem com um pano pendurado ao pescoço. É verdade ou mentira, camaradas? Temos que ser capazes de lembrar isso bem para não confundirmos na vida. Nós não enganamos a nossa gente, não enganamos ninguém muito menos os responsáveis do nosso Partido, muito menos a esperança do futuro do nosso Partido. Mas também não se enganem vocês, porque nós estamos cá vigilantes para não nos deixarmos enganar a nossa cabeça».



Hino nacional da República Democrática de S. Tomé e Príncipe

Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado de combate
Dinamismo

Na luta nacional,
Juramento eterno
No país soberano de S. Tomé e Príncipe

I

Guerrilheiro da guerra sem arma na mão
Chama viva na alma do povo
Congressando os filhos das ilhas
Em redor da Pátria Imortal

II

Independência total, total e completa
Construindo no progresso e na paz
A nação mais ditosa da Terra
Com os braços heróicos do povo
Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado de combate

III

Trabalhando, lutando, lutando e vencendo
Caminhamos a passos gigantes
Na cruzada dos povos africanos
Hasteando a bandeira nacional

IV

Voz do povo, presente, presente em conjunto
Vibra rijo no coro da esperança
Ser herói na hora de perigo
Ser herói no ressurgir do país

V

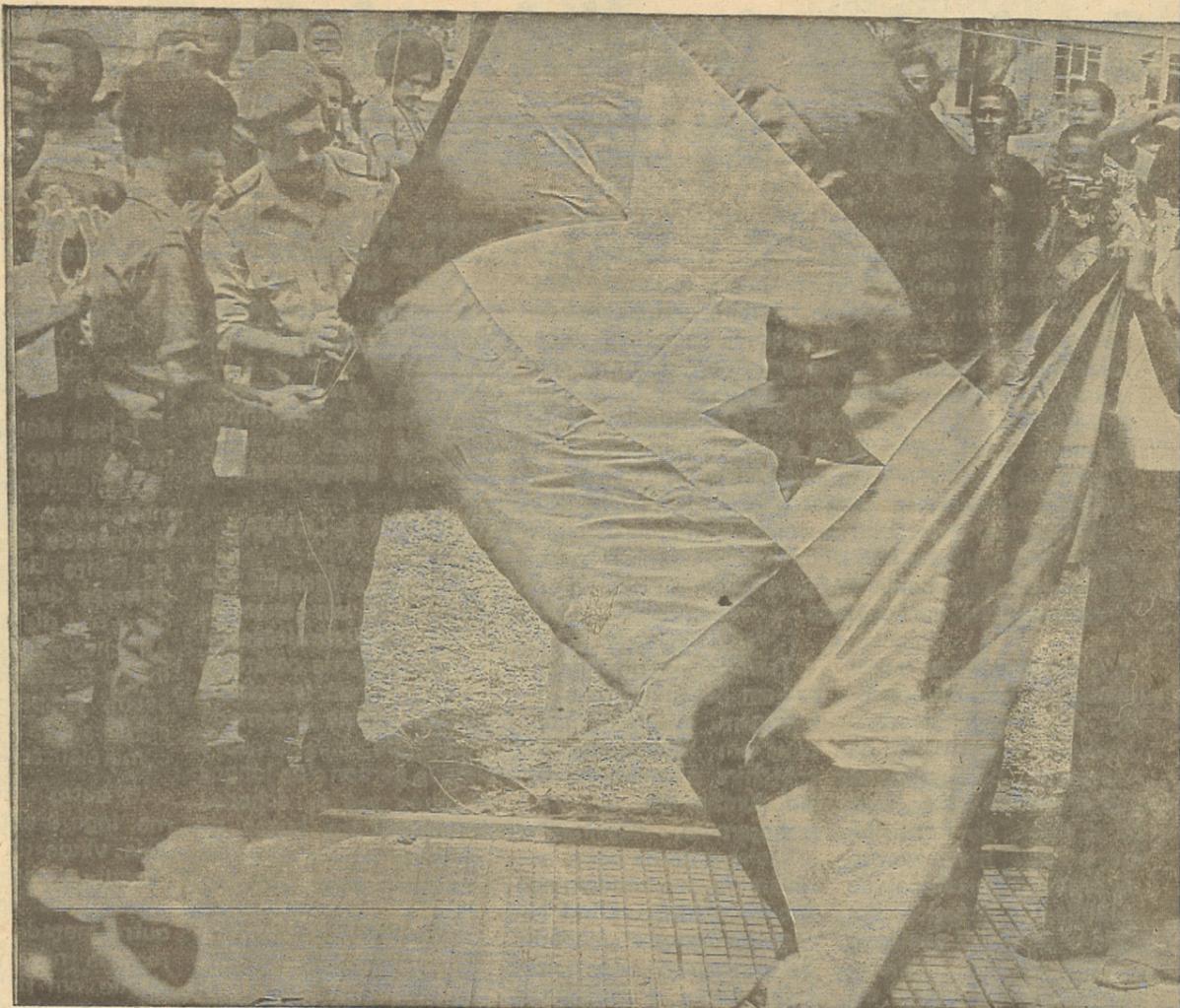
Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado de combate
Dinamismo

Na luta nacional,
Juramento eterno
No país soberano de S. Tomé e Príncipe

Grito de alerta

Na grande praça do povo
Clarinhas em regozijo
Ressoam soltando amarras.
Ó povo do meu país
O hino da independência
Caia fundo...
Caia fundo...
P'ra durar a independência
Um só grito vai soltar
Resistência
Vigilância.
Resistência, vigilância
Um combate a batalhar
Povo alerta
No trabalho
Povo alerta em disciplina
Fortaleza da nação.
Cada passo mal trilhado
Abre a porta à reacção,
Povo alerta na escola
Alertando a Produção
União numa só força
Povo ilhéu do equador.
A tormenta da rapina
Um lugar quer ocupar
Num espaço, onde numa coluna
Colónia deixou de ser.
Povo alerta!...
Sentinela vigilante
Nas ilhas do mar sem fim.

ALDA ESPÍRITO SANTO



S. Tomé e Príncipe — 12 de Julho de 1975 — Momento histórico. Vai ser içada na Praça da Independência a Bandeira da República Democrática de S. Tomé e Príncipe

Apesar da luta do povo A escravatura só acabou com a in

Em 1470, quando os portugueses descobriram São Tomé, a ilha era desabitada e o seu povoamento começou a fazer-se pelo fim do séc. XV, com a deportação de criminosos e de judeus oriundos de Portugal.

Com o desenvolvimento do tráfico de escravos e graças à sua situação geográfica, São Tomé transformou-se, em menos de um século, num centro de armazenamento e reprodução, de onde os infames carregamentos humanos eram exportados para as Antilhas e para o Brasil.

A captura de escravos nas costas africanas e seu envio para os mercados do mundo, tendo São Tomé como importante entreposto, enriqueceram várias companhias escravagistas com base naquela ilha atlântica. O comércio de escravos constituía, já no séc. XVI, a maior fonte de receitas de Portugal na Ilha.

A exploração agrícola de São Tomé, baseada na cultura de cana-de-açúcar, mais tarde substituída pelo cacau, também era feita com mão-de-obra escrava. Mas a abolição da escravatura em Portugal, em 1878, nem por isso veio modificar a situação, já que o tráfico clandestino continuou durante longos anos. São Tomé continuou, no entanto, até alguns meses após o 25 de Abril de 74, a ser um centro de trabalho de escravos, apenas cinica-

mente camuflado em centro de «contratados». São Tomé era um «inferno do colonialismo português».

Onde há exploração, existe revolta. A população são-tomense conheceu ao longo dos tempos, crimes dos mais hediondos, torturas das mais brutais e exploração das mais desumanas: a história da ilha regista inúmeros casos de revolta e de consequente repressão pelas tropas coloniais.

Já em 1959, os escravos se revoltaram num movimento de enorme amplitude que o historiador português Oliveira Martins viria a classificar de uma das causas da decadência do então império português. Igualmente, os angolares, população do sudoeste da ilha e descendentes de escravos angolanos, naufragados em

Sete Pedras, em 1544, organizaram em 1595 uma revolta que foi esmagada num banho de sangue.

Muito mais próximo dos nossos dias, o colonialismo teve muitas vezes de recorrer aos maiores massacres para enfrentar o levantamento dos trabalhadores, como foi o caso sangrento do Massacre de Batepá, em Fevereiro de 1953, com o assassinato de cerca de mil cidadãos são-tomenses.

AS TESTEMUNHAS CONTAM O QUE É SER CONTRATADO

«Aquilo não era trabalho, era vida de escravo.

Um homem ganhava 120\$00 por mês, mas só recebia 50\$00. Os outros 70\$00 eram descontados para a «Caixa», para serem entregues ao trabalhador quando regressasse a terra, no fim do contrato». Disse Francisco Laísse, de 55 anos de idade, um dos três deportados moçambicanos que falaram para a revista «Tempo», após o regresso para o país natal, em 1975.

«Eu trabalhei 20 anos

em São Tomé. Souvo receber? Não... Quatro, vinte anos de

Onde está o meu interrogou. A roupa mete-se a pagar de regresso... tado e de lheiro que ele tando para a rante os anos d

Quanto à viagem ando quanto po se um homem não têm de pag

Segundo Awmatj, de 32 anos em São Tomé, era tomado n (todos estão quatro da madru a chamada e ma «A comida era para a plantaça não temos, pramos em grupo, em redor de um bananeira sob deitam a alimen São Tomé chov a comida vai fca de água, mas, n onde a gente abrigar. A com má que quase n ferença: peixe com fuba e, mu só arroz ou f carne nem peix



ponço alço da cerimónia,

ndência

«Quando um homem fica doente — ressalvou Braza Afaque — o médico passa pela tarimba, olha para ele e sem se preocupar em observar, dá-lhe uma injeção e um tónico e manda-o retomar o trabalho. Se um homem não consegue levantar-se, tem falta do capataz... Os capatazes estão sempre a gritar: «Mais depressa cabrão! Mais depressa... Obrigam-nos a trabalhar a um ritmo tal que os acidentes são inevitáveis...»

«Na roça do Alto Pofo, por exemplo, havia um homem chamado Pedro Cabral que, quando queria punir um trabalhador, obrigava-o a meter cabeça num baril de água para que os gritos não se ouvissem enquanto o chicotava. Quando um trabalhador conseguia fugir e se ia queixar ao Instituto de Trabalho, este fingia que lhe arranjava lugar noutra roça, mas quando o camarada lá chegava já estavam a espera dele para o matar. Quantas vezes por acaso, ao escavar a terra, se encontram corpos enterrados...»

Há quatro anos

A terra são-tomense deixou de ser o "inferno do colonialismo"

Chamavam-lhe o «inferno do colonialismo português», onde a vida das populações se consumia à exploração impiedosa nas roças de cacau e café: as vezes eram abafadas a sangue frio nas revoltas de Sete Pedras e Baçepá. Hoje os ventos mudaram e, há precisamente quatro anos, um povo ergue sobre os seus ombros, a responsabilidade de construir um país com o trabalho. É a República Democrática de São Tomé e Príncipe, nascida a 12 de Julho de 1975.

Tornava-se realidade a liberdade e uma nação independente, para a qual tantos cidadãos perderam a vida em revoltas e manifestações brutalmente reprimidas com tiros à queima-roupa. O MLSTP, que desde os anos 60 conduziu uma luta clandestina, limitada aos condicionamentos das ilhas, e de boicote e denúncia externa da política nefasta colonial, constitui hoje a «base de uma nova unidade de todos os são-tomenses interessados numa profunda transformação socio-económica do país», como se diz no seu Programa.

Trata-se de um pequeno país, à volta de 80 mil habitantes, com uma posição estratégica na zona equatorial que, em quatro anos de independência, já deu importância passos na construção de uma sociedade nova.

Com a independência, tornava-se necessário assegurar o meios essenciais de produção, para o controle efectivo do poder económico. Uma primeira medida tomada então pelo Governo, foi a nacionalização das terras, as roças, que constituíam o baluarte principal do colonialismo português nas ilhas e a base essencial da economia do país.

A banca e o comércio externo foram igualmente nacionalizados e socializadas a medicina e a educação para todo o povo. A intervenção do Estado deu lugar também ao aparecimento de empresas mistas e privadas.

As actividades políticas e ideológicas têm uma acção preponderante na procura de transformação da mentalidade dos trabalhadores, duramente marcada por cinco séculos de vassalagem.

Situa-se no primeiro plano das preocupações para melhoria das condi-

ções de vida das populações, a criação de meios de alimentação e de habitação dignas para todo o povo.

Para isso deu-se prioridade à intensificação da produção agrícola, principalmente a produção para exportação, como o cacau e a amêndoa. «É importante dizer que os nossos planos de acabar com a monocultura — salientava o Presidente Pinto da Costa a um jornal português — não significam, de maneira nenhuma, diminuir a produção do cacau. Pelo contrário: se a fomentarmos, teremos a possibilidade de diminuir a nossa dependência desse produto. Ao mesmo tempo, vamos dar uma atenção especial ao problema de diversificação de culturas, para sermos mais independentes no aspecto do abastecimento e dispor de mais divisas para a realização de outros empreendimentos».

A estrutura da actividade pesqueira tradicional mantém-se e foram criadas duas empresas, uma estatal e outra com participação do Estado.

O MLSTP tem como tarefas prioritárias, a formação das organizações de massas. Para isso criou a organização das mulheres (OMSTP), a organização da juventude (J.M.L.S.T.P.), a organização dos pioneiros (OPSTP) e uma comissão sindical que em está a trabalhar com o fim de criar a organização nacional dos trabalhadores.

A institucionalização dos grupos de vigilância foi decidida no ano passado pelo Conselho Coordenador do MLSTP, organizado por núcleos populacionais em bairros, vilas, aldeias e empresas. Além desses grupos, foram criadas milícias populares que constituem um auxiliar das forças armadas revolucionárias e de segurança na defesa do país.

O povo são-tomense vive em paz. Mas a garantia da Revolução e da integridade territorial é dever de todo a cidadão, na vigilância permanente contra a reacção interna e externa da reacção que desajam o neocolonialismo e querem utilizar o suor do povo para se enriquecerem. Foi assim que as autoridades daquele país irmão descobriram e desmantelaram, em Março passado, uma rede subver-

siva interna telecomandada do exterior. A esse facto se ligam as ameaças nessa mesma altura, por parte de forças estrangeiras e mercenários que violam sistematicamente o espaço aéreo são-tomense.

NÃO-ALINHAMENTO INTERNACIONALISTA

A política externa do MLSTP e da República de São Tomé é a expressão da luta do povo daquelas ilhas pela conquista da verdadeira independência, e orientar-se-á no sentido de estreitar cada vez mais as relações com países que têm como objectivo a luta anti-imperialista, pela liberdade, o progresso dos povos e a paz no mundo.

O jovem Estado africano, nascido de uma longa luta política, ao lado dos povos irmãos da Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique, pronuncia-se pelo não-alinhamento, e pelo desenvolvimento da cooperação entre todos os países, em particular, pela cooperação regional africana.

As relações de amizade e solidariedade entre São Tomé e os restantes países africanos de expressão oficial portuguesa, estabelecidas nos anos de luta conjunta de libertação, são uma base para o alargamento da cooperação em novas perspectivas, reafirmadas recentemente pelos cinco chefes de Estado respectivos, na Cimeira de Luanda.

Referindo-se ao não-alinhamento do seu país, o camarada Manuel Pinto da Costa, Presidente do MLSTP e da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, defende a cooperação com todos os países do mundo, independentemente da sua ideologia, mas esclareceu:

«O nosso não-alinhamento não significa neutralidade em determinadas situações, como a existência do colonialismo e do «apartheid» ou dos regimes fascistas em África, Ásia ou na América Latina».

«Se não apoiássemos os povos em luta estaríamos colaborando indirectamente com esses regimes opressores. O nosso não-alinhamento tem um carácter internacionalista, é anti-imperialista, não é egoísta».

Ano Internacional da criança

Criatividade infantil em exposição no Jardim "Nhima Sanhá"

«Eu vejo a luta redonda. Eu vejo-a partida também» — lê-se num dos inúmeros desenhos afixados nas salas do Jardim Infantil «Nhima Sanhá». Faz parte de uma rica exposição de trabalhos práticos feitos, no decorrer do ano lectivo findo, por crianças dos três aos seis anos, pertencentes àquela instituição pré-escolar.

A exposição integra-se nas iniciativas do ano Internacional da Criança e, de acordo com a explicação da directora do Jardim, camarada Olívia Barbosa Mendes, a intenção é sobretudo reconhecer o boicote de cada trabalho feito pelas crianças durante o ano e mostrar às pessoas os riscos de aprendizagem que os meninos atravessam desde a fase de letras em risquinhos até à das palavras, particularmente a de saber escrever o nome.

A exposição foi inaugurada na segunda-feira passada pelo Comissário de Estado da Educação Nacional, camarada Filinto Vaz Martins, e está aberta ao público todos os dias das 10 às 12 e das 17 às 19,30, possivelmente até sábado.

Deixar as flores desabrocharem livremente — como o disse ao lado um dos nossos colegas, quando efectuávamos a visita à exposição — é no fundo a expressão de comunicação que, à vista desarmada, aquela obra infantil nos transmite.

Os desenhos ali expostos são variados. Baseiam-se em diferentes temas que marcam as discussões que as professoras, ou educadoras infantis, estabelecem diária ou semanalmente com os meninos. Por exemplo, de forma semelhante ao que se faz com os alfabetizandos fala-se sobre os apitos ou buzinas de automóveis e, a partir daí, desenvolve-se uma longa conversa acerca dos meios de transporte, comunicação e de todos os temas envolvidos no assunto. «O apito está a berbulir» — diz a Pati.

Alguns desses objectos são desenhados livremente pelas crianças, na cor do seu gosto pessoal.

Na exposição também se podem ver muitos objectos até aos considera-

dos mais desnecessários: arcos de ferro, molas, caricas (tampas de garrafas) e outro material que produza som, de forma a criar um diálogo à volta do som e da música. Segundo Olívia Mendes, os adultos inexperientes podem achar isso um desperdício. Mas a realidade é que a necessidade de dotar as crianças, em idade pré-escolar, de noções que enriqueçam o conhecimento e lhes permitam entrar em contacto com a Natureza, com o meio ambiente que as rodeia. Ajudar a criança a ter uma certa autonomia das coisas que a rodeiam.

De uma maneira geral, essas crianças podem sair desse escuro infantil para as escolas sem saber ler. Mas isso é o menos, tendo em conta a sua menoridade (3 a 6 anos de idade). O que interessa é fazê-las entrar em contacto directo com objectos escolares, conhecer as letras e algumas palavras e saber contar, de forma a não se cair de «para-queda» numa escola oficial, como acontece com muitas das nossas crianças que para lá vão pela primeira vez. Tudo aquilo que elas dizem é registado pelas professoras para os seus cadernos ou folhas de desenho.

Igualmente as crianças fazem um Jornal Escolar, mercê de um material técnico, um tanto ou quanto aperfeiçoado em relação ao método vulgarmente utilizado nos jornais de parede. O método deve-se à técnica didáctica de Celestin Freinet, um dos pedagogos cuja experiência é aproveitada em parte por aquele centro.

Na feitura do Jornal, as crianças escolhem frases por elas ditas, compõem-nas com letras tiradas em pequenas caixas «tipográficas», e à medida que vão passando o composto a um rolo cilíndrico ensopado de tinta, vão-as imprimindo em folhas soltas numa pequena impressora manual, do tipo do primeiro modelo de Gutenberg. Teremos aqui em embrião futuros camaradas na Redacção do «Nô Pintcha»?

Cantchungo vai ter escola de judo

O judo é de origem asiática. No início estava englobada na arte marcial chamada Jiu-jitsu, pouco tempo depois foi separada desta. Então Gigo Kano, jovem estudante japonês, dedicou-se a esta arte e espalhou-a pelo mundo. No entanto, o judo tem tanto carácter bélico como desportivo. No nosso país surgiu em 1975. Após vários «trambolhões» ou «nomadismo» a que esteve sujeito para se instalar — conhecendo sucessivamente os salões da UDIB, Marinha e Benfica — conseguiu estabelecer-se no actual salão, junto ao mini-mercado, cedido pelo Conselho Superior dos Desportos. Isto aconteceu no Fevereiro deste ano, em que foi criada a Escola Nacional de Judo.

Esta Escola possui presentemente 150 alunos número que tende a crescer com a entrada de novos elementos. De momento os alunos estão distribuídos, por grupos infantis, dois grupos de homens e um de mulheres. Tudo isto nos foi informado pelas camaradas João Magalhães e Fernando Casimiro.

Abordados sobre a descentralização da modalidade, acabariam por afirmar que «é intenção da Escola dinamizar o judo em todas as regiões do país. Inclui-se está programado estabelecer em Cantchungo uma escola com este objectivo». No entanto, a Escola Nacional que já possui apetrechos para aí instalar, está a espera de transporte para fazer a sua deslocação. «Ainda no quadro de dinamização — prosseguiria Casimiro — actuaremos em princípio, em Cantchungo e Bafatá. «Os trinta quatro formados pela Escola — se-

gundo Magalhães — serão distribuídos pelas diferentes escolas do país.

Por outro lado, uma equipa Nacional de judo está na forja a fim de se preparar para enfrentar em Novembro, uma de Senegal que se deslocará ao nosso país. Segundo Casimiro os senegaleses são os melhores judocas da nossa zona senão uns dos melhores da África. Mais tarde, a Escola re-

tribuirá a visita dos senegaleses.

A escola está bem apetrechada em materiais apropriados para os exercícios. Perguntado sobre o futuro desta modalidade no nosso país, Magalhães descreveu que «ela é promissora, desde que o apoio continue a manifestar-se. Contudo, o judo não terá um grande futuro se as outras modalidades não se desenvolverem conjuntamente

com ele»... Casimiro interrompeu para acrescentar: «Daqui a um ano, até poderemos entrar em competições a nível internacional. Estas palavras não são minhas, mas sim do técnico alemão que nos ministrou o curso».

A Comissão técnica é composta por nove membros, tendo como primeiro e segundo responsáveis, respectivamente, Fernando Casimiro e Cândido Cabral.

Angola: o desporto é uma realidade

O futebol angolano deu grandes passos, enquadrado no desporto de massas que constitui uma das principais preocupações dos governantes angolanos. Para além dos campeonatos Provinciais da 1.ª divisão, dos Municipais da 2.ª divisão e das reservas, decorrem também em todo o território daquele país amigo, os campeonatos de futebol de salão. As outras modalidades chamadas no nosso país «restantes modalidades» ou «modalidades pobres», estão igualmente organizadas em campeonatos. Temos assim, os campeonatos de natação, xadrez, basquetebol, ténis, atletismo, volei, andebol e hóquei em patins, e as provas regulares de ciclismo.

Por outro lado, a Delegação Provincial de Luanda do Conselho Superior de Educação Física e Desportos, continua a sua «arrancada» em grande, no sentido de apoiar a prática desportiva na capital. Foi assim que, depois de abertura das Escolas de Futebol e de Natação, se abriram novas Escolas, desta feita para as modalidades de andebol e basquetebol, para os pioneiros de idades compreendidas en-

tre os 10 a 15, interessados em praticar aquelas modalidades.

Voltando à popular modalidade de futebol, temos a salientar o facto de só em Luanda o Provincial da 1.ª divisão de futebol, comandado pela equipa da TAAG — Transportes Aéreos de Angola — com 16 pontos ao fim da 10.ª jornada, mais dois que um grupo de três equipas com 14 pontos, contar com a participação de nada mais nada menos que doze equipas, enquanto disputam as provas de reservas (destinadas as equipas primodivisionárias, excepto uma, os «Independentes» do Rangel) e Municipais da 2.ª divisão, 12 e 30 equi-

pas respectivamente.

BENGUELA — A actividade desportiva da Província de Benguela, ocupa grande parte dos tempos dos seus habitantes, tal como recomendou o programa do MPLA-Partido do Trabalho. Com efeito, de uma forma directa, os habitantes de Benguela participam nas realizações desportivas que aí são levadas a cabo. Quer assistindo às provas, como participando nelas, os adeptos desportivos da Província — que são o «grosso» da população — preenchem os seus tempos após o trabalho e nos dias de descanso.

Por outro lado, o «jogociência» começa a despontar nesta Província

Atletismo: Quénia ganha 17 medalhas de ouro

O Quénia dominou os campeonatos de atletismo de 1979, da África Oriental e Central, que terminaram, no passado sábado em Mombaça (Quénia). O Quénia arrecadou 17 medalhas de ouro, das 26 possíveis.

O melhor atleta destes jogos foi a queniana Ruth Waithe, que venceu as provas de 100, 200 e 400 metros planos. Também se revelou êxito da sua jovem compatriota, Eli-

sath Onyambu, de 12 anos, que ganhou os 1500 metros com o excelente tempo de 4 m 25 segundos.

Homens: 100 metros, Lukuba (Tanzania); 200 metros, Mochache «Quénia»; 110 metros barreiras, Sang (Quénia); 400 metros barreiras, Kimaivo (Quénia); 800 metros, Maina (Quénia); 1500 metros, Boloha (Etiópia); 3000 metros obstáculos, Rono (Quénia); estafeta 4x100 e 4x400 metros (Quénia); 20 quilómetros marcha, Ture (Etiópia); Salto em comprimento, Nhabage (Uganda) com 7,50; 10.000 metros, 1.ª Kqder (Etiópia); 2.ª Niasani (Quénia) e 3.ª Kimeji (Quénia).

Senhoras: 100, 200 e 400 metros, Waithe (Quénia); 100 metros barreiras, Kyalisima (Uganda) 800 metros, Chemweno e 1500 metros, Onyambu todas do Quénia e na estafeta 4x100 Quénia foi também a vencedora.

Final da Taça "Pindjiguiti" FARP, 3-Bula, 2 Ver pág. 8

Anúncios

CONCURSO

Faz-se público que, em conformidade com o despacho do Camarada Comissário de Estado de Informação e Cultura, se encontra aberto concurso de provas práticas pelo prazo de 15 dias, a contar da data da publicação deste aviso no jornal «Nô Pintcha», para o preenchimento de duas vagas existentes de revisor tipográfico da Imprensa Nacional, com o vencimento mensal, único, de 10.000,00.

Os candidatos deverão pedir a sua admissão ao concurso em requerimento dirigido ao Camarada Comissário de Estado de Informação e Cultura, com assinatura reconhecida por notário.

As provas a prestar versarão sobre os seguintes pontos:

Correcção de um texto em português com gralhas tipográficas e erros ortográficos, de concordâncias, de sintaxe e técnicos; correcção de uma tabela Orçamental ou estatísticas. Correcção de tex-

tos em inglês e francês com gralhas tipográficas e erros técnicos. Correcção e redacção gráfica de todo o género de trabalho tipográfico.

CONCURSO

Faz-se público que, por despacho de 5 de Julho de 1979 do camarada Comissário Principal, foi autorizado a abertura do concurso documental entre indivíduos maiores de 18 anos, nos termos do artigo 2.º do Decreto n.º 48/75, de 27 de Setembro de 1975, 17.º e 19.º do Regulamento do Ensino em vigor e Diploma Legislativo n.º 1892, de 14 de Abril de 1970, para o preenchimento de vagas de professores para nos diversos níveis do ensino, que vierem a verificar-se no decorrer do ano lectivo de 1979/80.

O pedido de admissão ao presente concurso, feito em papel selado, com a assinatura devidamente reconhecida, é dirigido ao camarada Comissário Principal e en-

tregue nas Delegacias Regionais da Educação pelo prazo de 30 dias, contados a partir da data da publicação deste anúncio nos órgãos nacionais de informação. Do processo de candidatura deverão constar os seguintes documentos:

- Certidão de idade;
- Certificado de habilitações literárias;
- Certificado de vacina anti-tetânica;
- Certificado de vacina anti-variolica;
- Uma declaração do compromisso de engajamento;
- Uma declaração do artigo 5.º e do artigo 12.º do Estatuto do Funcionalismo Público;
- Três fotografias;
- Certificado do Registo Criminal;
- Certificado de Robustez Física.

1. No requerimento do pedido de admissão ao concurso os candidatos deverão indicar as Regiões, por ordem de preferência, onde desejam ser colocados.

2. A indicação das Regiões de preferência onde desejam a colocação não implica a sua satisfação se não estiver de acordo com as necessidades nacionais.

3. Pode ser dispensada a apresentação de qualquer documento, desde que ele já conste do processo individual do candidato.

4. O candidato que, dias após a sua nomeação, contados a partir da data da fixação da lista nominal, não levantar guia de marcha, ou depois disso não se apresentar na sua respectiva Delegacia no prazo máximo de 15 dias, fica automaticamente despedido do serviço. Salvo se, depois destes prazos, o candidato apresentar alguma justificação aceite pelo Comissariado.

5. O candidato que não aceitar a colocação que lhe couber não poderá voltar a ser nomeado nesse ano lectivo no seguinte.

Farmácias

HOJE: «Farmácia Central» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453

AMANHÃ: «Central Farmedi n.º 2» — Bairro Belém, telefone 3437

Cinema

MATINÉ — «LUZES NA CIDADE» — M/13 anos — Às 18,30

Telefone

BOMBEIROS HUMANITARIOS — Telef: 2222
POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 - 2.ª Esquadra 3444
HOSPITAL SIMÃO MENDES — 2866/67/68

Eleições presidenciais no Ghana

ACCRA — O dr. Hilla Liman, diplomata de 46 anos de idade, lidera a segunda volta das eleições presidenciais ghanenses. Segundo os primeiros resultados parciais de 46 circunscrições (140 no total), Liman obteve um pouco mais de 400 mil votos, ultrapassando o seu principal adversário, Victor Owusu, que conseguiu cerca de 230 mil.

Segundo os observadores, a participa-

ção eleitoral foi bastante franca. Nas eleições legislativas e presidenciais de 18 de Junho último, apenas 35 por cento dos cinco milhões de ghanenses inscritos nas listas eleitorais votaram.

Hilla Liman é presidente do Partido Nacional do Povo (P.N.P.), formação de tendência progressista que teve a maioria absoluta na Assembleia Nacional com 71 lugares nos 140. (FP)

"Uganda não aceita ordens de ninguém"

NAIROBI — A presença de tropas tanzanianas no Uganda é da responsabilidade do governo soberano de Kampala e este não permitirá que nenhum país lhe dê ordens declarou, anteontem, na capital queniana o ministro ugandês dos Negócios Estrangeiros, Otema Alimadi.

Alimadi confirmou a existência de um acordo ugando-tanzaniano que prevê a retirada de uma parte dos soldados tanzanianos que apoiaram os patriotas ugandeses no derrube da ditadura militar de Idi Amin. Dado. O ministro indicou, por outro lado, que alguns militares tanzania-

nos permaneceriam no Uganda a fim de ajudar em na formação do novo exército nacional.

O chefe da diplomacia ugandesa desmentiu as informações publicadas na imprensa queniana de que o presidente Nyerere da Tanzânia exercia pressões sobre o novo governo de Kampala para favorecer o regresso do ex-presidente Milton Obote, derrubado por Idi Amin em 1971. Alimadi afirmou seguidamente que o seu país concorda com o presidente Arap Moi do Quênia sobre a necessidade de todos os exilados ugandeses regressarem ao país. (FP)

Reunificação da Coreia

Pyongyang rejeita proposta americana

A ideia das «negociações tripartidas» com a participação de representantes da República Democrática Popular da RDPO, dos Estados Unidos e das autoridades sul-coreanas é uma proposta irreal e impensável — afirmou uma declaração do ministério dos Negócios Estrangeiros da RDPC difundida ontem em Pyongyang.

Esta declaração seguiu-se à proposta americano-sul-coreana sobre a reunificação da Coreia, formulada numa «declaração comum» adoptada no final do recente encontro em Seul entre o presidente Jimmy Carter e as au-

toridades sul-coreanas.

Segundo Pyongyang, o objectivo da proposta de «conversações a três» consiste em enganar a opinião pública e camuflar a política da eterna divisão da Coreia. Esta proposta que chamam de «nova iniciativa diplomática» não se destina à reunificação da Coreia. Ela foi feita à RDPC por intermédio de um terceiro país.

A declaração declara que tal encontro é impossível, e pergunta: «Porque é que os americanos participariam no diálogo entre os coreanos a respeito da reunificação da

Nkomo: No Zimbabwé o inimigo é a África do Sul

MAPUTO — «A África do Sul é o verdadeiro inimigo na guerra do Zimbabwé» — declarou Joshua Nkomo, co-presidente da Frente Patriótica, numa entrevista publicada anteontem em Moçambique. Nkomo afirmou que Pretória envia soldados sul-africanos para combaterem nas fileiras rodesianas desde 1977, disfarçados de «Voluntários» civis, e que o equipamento militar rodesiano é de origem sul-africana.

«O poder económico que apoia a guerra é sul-africano», acrescentou Nkomo, sublinhando que se a África do Sul parar de apoiar o regime ilegal de Salisbúria (afundar-se-ia imediatamente).

Numa outra entrevista, Robert Mugabe, outro líder da Frente Patriótica do Zimbabwé, disse que a situação actual tornava imperativa a unidade de «todas as forças revolucionárias no interior e no exterior do Zimbabwé». Mugabe indicou que depois de terem encontrado uma base política comum para criar a Frente Patriótica, a ZAPU e a ZANU constituíram uma frente comum militar.

Comentando a visita que o chefe do governo fantoche da Rodésia efectua actualmente aos Estados Unidos, a fim de

conseguir o levantamento do embargo económico contra o seu regime, o jornal tanzaniano «Uhuru», escreveu que o reconhecimento, prometido ou efectivo, do regime de Muzorewa-Smith ou a anulação das sanções económicas, tornariam este «governo ainda mais arrogante, porque continuaria os seus actos bárbaros contra o povo do Zimbabwé e os países vizinhos». O jornal advertiu os países africanos independentes de que não devem ignorar a visita que Muzorewa efectua aos EUA e à Grã-Bretanha, porque os seus resultados terão «grandes repercussões».

ESPIÕES PRESOS EM MOÇAMBIQUE

A segurança popular

moçambicana prendeu um grupo de agentes rodesianos que actuavam na província de Manica, no centro do país. Os cinco espões, membros de um bando responsável por um atentado contra instalações hidroeléctricas, dedicavam-se a actos de terrorismo, sabotagem e subversão nas empresas industriais, e forneciam à Rodésia informações sobre o estacionamento, a quantidade e o armamento das Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM).

11 MORTOS EM ANGOLA

Onze pessoas morreram durante um bombardeamento efectuado no passado dia 6 pela aviação racista sul-africana sobre a cidade angolana de N'Giva no sul do país, anunciou um comunicado do ministério da Defesa da RPA. O comunicado precisou que um avião «Mirage» do exército racista foi abatido na província do Cunene. (Tass, FP)

Próximo-Oriente

A ameaça da arma do petróleo e as negociações Egipto-Israel

O mundo árabe brande novamente a arma do petróleo, e a ameaça atribuída aos palestinianos de afundar os petroleiros à saída do Golfo agita os dados da negociação tripartida

(Israel, Egipto e Estados Unidos) sobre a «autonomia» palestinianiana.

Se a ameaça for executada, arrisca-se a reduzir a nada o plano mais ou menos rigoroso de economia de energia elaborado em Tóquio pelas principais potências capitalistas, e pesa bastante sobre as conversações entre o Egipto e Israel, patrocinadas pelos Estados Unidos, sobre a «autonomia» de Gaza e da Cisjordânia.

Mas na realidade não foram os próprios palestinianos que ameaçaram bloquear o estreito de Ormuz afundando os petroleiros. Foi o ministro saudita do Petróleo, Cheikh Ahmed Zaki Yamani, que evocou esta eventualidade, ao mesmo tempo que anunciava um aumento da produção saudita. O Representante da OLP em Paris, Ibrahim Souss, declarou que tal acção não entrara ainda na estratégia da sua organização.

Mas é evidente que a declaração de Cheikh Yamani inscreve-se no quadro de novas «grandes manobras» árabes desti-

nadas a fazer pender, no sentido favorável aos palestinianos, as tentativas americanas para «resolver» a crise do Próximo-Oriente.

Um primeiro ruído de armas veio de Washington no fim de Julho com a declaração sobre a criação de uma força de intervenção americana no Terceiro-Mundo constituída por 110 mil homens. Esta advertência destinava-se a intimidar os países produtores de petróleo, particularmente os da «frente de firmeza» (Líbia, Argélia, Síria, Iraque, Yémen do Sul e a OLP).

Reagindo a esta ameaça directa, o coronel Khadafi, presidente da Líbia (sexto produtor mundial de petróleo), multiplicou os seus esforços para travar a diplomacia americana. Depois de ter reunido em Trípoli uma conferência dos líderes palestinianos, efectua actualmente uma digressão pelos Estados do Golfo e anunciou recentemente que o seu país pretende suspender as exportações de petróleo.

ABIDJAN — O bureau do Conselho de Governadores do Banco Africano de Desenvolvimento BAD encontra-se reunido, a fim de preparar a assembleia extraordinária dos governadores desta instituição, a realizar de 23 a 25 de Julho em Abidjan. Esta assembleia foi convocada pelo presidente em exercício do bureau, o ministro da Economia da Costa do Marfim, Abdoulaye Koné, a seguir à suspensão do dr. Kwame Fordwor (Ghana), da presidência do BAD. O conselho administrativo tinha evocado «várias irregularidades constatadas tanto ao nível da sua acção como do seu sistema administrativo» para demitir Fordwor e substituí-lo por Sogunro (Nigéria). (FP)

COMUNICAÇÕES ENTRE A GUINÉ E A COSTA DO MARFIM

ABIDJAN — Costa do Marfim e a Guiné-Conakry decidiram estabelecer uma ligação por satélite entre os dois países, a partir do próximo ano, a fim de melhorar as suas comunicações telefónicas, anunciou um comunicado publicado na segunda-feira em Abidjan, no final dos trabalhos da comissão mista marfinense-guineense dos Correios e Telecomunicações. (FP)

GASOLINA AUMENTA NO SENEGAL

DAKAR — Um aumento geral do preço dos carburantes foi decidido no Senegal, a seguir ao recente aumento de preço do petróleo bruto anunciado pelos países da OPEP. A gasolina super passou de 120 francos CFA para 140, a normal de 100 a 130 CFA. O gasóleo aumentou de 75 para 85 CFA, enquanto o petróleo passou de 68 para 71 francos CFA. (FP)

CUBA LIBERTA PRESOS

HAVANA — Os 600 criminosos de guerra cubanos da ditadura de Fulgencio Batista vão ser libertados antes do fim de ano em Cuba, anunciou na segunda-feira em Havana Rogelio Lorie, membro do Comité dos 75 (comunidade cubana no estrangeiro). (FP)

PETRÓLEO NA TANZÂNIA

DAR-ES-SALAM — A Tanzânia descobriu traços de petróleo em Songo-Songo, no distrito de Kilwa (no sul do país) onde deve ser explorado um jazigo de gás natural, anunciou perante o parlamento o ministro da Água, da Energia e dos Recursos Naturais, Al Dash Noor Kassum. (FP)

Guarda Nacional conspira contra Somoza

A Rádio-Sandino informou ontem que existe uma conspiração no seio da Guarda Nacional nicaraguenha destinada a apoderar-se do ditador Somoza e transferi-lo para «um país amigo dos Estados Unidos».

Segundo a emissora sandinista, a conspiração teria sido fomentada por três generais e dois coroneis, entre os quais o sobrinho do próprio Somoza, o general Francisco Rodrigo Somoza. Quanto ao filho do ditador nicaraguenho, coronel Anastasio Somoza Portocarrero,

devia ser executado pelos conjurados.

Por outro lado, os informadores na capital nicaraguenha indicam que se vive uma atmosfera de deslocação no abrigo subterrâneo onde Somoza se escondeu. A situação militar é cada vez mais desfavorável à Guarda Nacional cuja capacidade de resistência começou a ser minada pelas sucessivas derrotas e pela incerteza quanto à sucessão do chefe de Estado.

Entretanto, a Assembleia Legislativa da Costa Rica rejeitou a presença

de aviões e de um destacamento de marinheiros americanos que se encontravam na Costa Rica para «ajudar a evacuar» os americanos da Nicarágua.

A maioria dos deputados exigiu a partida dos efectivos militares ameri-

canos do aeroporto de «Illano Grande» da cidade de Libéria, a cerca de 50 quilómetros da fronteira com a Nicarágua. Essa presença americana foi qualificada como intervenção estrangeira na Nicarágua e na Costa Rica. (PL) e (FP)

Comissão de magistrados confirma o massacre de Bangui

PARIS — A alguns dias da Cimeira dos Chefes de Estado da OUA em Monróvia, a questão do

massacre dos estudantes centro-africanos em Bangui, em Abril último, entra de novo na ordem do dia, após o anúncio feito na quarta-feira pela estação da rádio «Europa 1» que o relatório da comissão de inquérito, confirma o massacre, embora seja mais reservado quanto à participação do imperador.

Efectivamente a comissão de magistrados africanos encarregada pela cimeira de Kigali, em Maio último, de investigar sobre os massacres de estudantes pronunciou-se pela materialização dos seguintes factos: pelo menos uma quinzena de estudantes primários e secundários teriam sido mortos entre 18 e 21 de Abril em Bangui e em Bangassou (sul do país).

O relatório da comissão de inquérito, que deve brevemente terminar os seus trabalhos, acrescenta que «se bem que as possibilidades sejam grandes sobre a participação no massacre do próprio imperador», não foi possível basear-se, formalmente em nenhuma prova.

Questão da Palestina em debate na OUA

(Cont. da 1.ª pág.)

do Sul, em caso de insucesso nas negociações sobre a Namíbia entre este país e as cinco potências ocidentais. Durante os debates sobre a descolonização, o representante da Namíbia declarou que estas negociações estavam mortas. Os ministros africanos pediram que nenhum país reconhecesse

o regime de Muzorewa e que nenhum Estado levantasse o embargo contra Salisbúria «porque isso seria considerado como um reconhecimento deste regime e tratado em consequência», indicou Peter Onu, porta-voz da OUA.

No que respeita às sanções contra a África do Sul, os ministros condenaram a cooperação os regimes que mantêm relações comerciais com este país e a violação do embargo sobre a venda de armas. Peter Onu precisou que entre estes países figura os Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, RFA, Itália, Espanha, Israel e o Japão.

Pediram um aumento da ajuda aos movimentos de libertação e anunciaram que os países árabes contribuíram com dez milhões de dólares para o Fundo de Solidariedade

do Movimento de Libertação.

QUESTÃO DO PRÓXIMO-ORIENTE

«Intervindo nos debates sobre o Próximo-Oriente, o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Boutros Ghali, declarou que o seu país tenta explicar à África «o que fizemos nos últimos meses para obter o seu apoio». O representante egípcio disse a dado passo que «a nossa acção toca directa ou indirectamente o continente africano de que somos solidários».

Por seu lado, o representante da OLP (Organização de Libertação da Palestina) presente como observador na OUA afirmou que as iniciativas egípcias no Próximo-Oriente eram «manobras imperialistas contrárias aos princípios da OUA».

Guiné-Bissau Cabo Verde

(Cont. da 1.ª pág.)

do XX Aniversário do Massacre de Pindjiguiti, disse-nos que vai aproveitar a sua estadia aqui para estudar a possibilidade de radiodifundir directamente para Cabo Verde o acto central das comemorações, aqui em Bissau, «afim de permitir ao povo caboverdiano seguir de perto os acontecimentos».

A fim de receber o camarada Herculano Vieira, deslocaram-se ao aeroporto de Bissalanca os camaradas Manuel Santos (Manecas) Comissário de Estado dos Transportes e Turismo e Alcibádes Tolentino, Director-Geral do CETT.

A delegação é composta para além do camarada Herculano Vieira, Ministro dos Transportes e Comunicações, Humberto Morreira, Director da Marinha, Filinto Martins, Director dos TACV, Cláudio Duarte, Director do Gabinete de Estudos, Lurdes Miranda, Directora dos Correios e Arnaldo Andrade, Jornalista do «Voz di Povo» ligado às comemorações do Massacre de Pindjiguiti.

Mau ano agrícola provocou "déficit" comercial

(Cont. da 1.ª página)

trangeiro 30 mil toneladas (400 mil contos) para alimentar o nosso povo. As exportações de mancarra também falaram por si quanto ao mau ano agrícola de 77 com os efeitos sobre a balança comercial de 78. Assim, há dois anos, exportámos 16 mil toneladas de mancarra que renderam 257 mil contos enquanto no ano passado exportámos apenas metade.

É aqui que devem centrar-se as forças para principal batalha económica da Guiné-Bissau no curto prazo: diminuir as importações de arroz (ou até conseguir exportar aumentadas as exportações de

mancarra. Isto só pelo trabalho agrícola e pelo sistemático apoio ao nosso povo camponês.

Recordamos que o déficit do ano de 1977 foi de 807 mil e 616 contos. Comprámos ao estrangeiro mercadorias no valor de um milhão, 235 mil e 186 contos, sendo 26,4 por cento dessa quantia empregue na compra de produtos alimentares e bebidas. Vendemos produtos no valor de 427 mil e 570 contos. Produtos agrícolas ocupam 77,9 por cento desse valor, seguindo de produtos do mar, com 19,5 por cento.

As importações mantiveram ligeiramente os

mesmos valores nos dois primeiros meses do ano de 1978, mas no terceiro mês elas subiram vertiginosamente para mais de dobro, depois baixou em Abril e Maio em quase metade.

No segundo semestre as importações começaram com uma soma de 59 mil e 750 contos. Em Agosto e Setembro aumentaram para 146 mil e 284 e 208 mil e 888 contos. No mês de Outubro, as importações diminuíram para 55 mil e 383 contos, enquanto que em Novembro e Dezembro voltaram a subir de novo, fixando-se no valor de 121 mil e 674 e 251 mil e 944 contos. Dezembro

"Skylab" caiu no Oceano Indico

WASHINGTON — O laboratório espacial americano «Skylab», lançado a 13 de Maio de 1973, desintegrou-se ontem à tarde, tendo caído em pleno oceano Indico, a Sudoeste da Austrália. A NASA perdeu todo o contacto com o «Skylab» às 16 horas 10 min. TMG, após a sua passagem por cima da ilha de Ascensão, no Atlântico Sul. Os últimos sinais telemétricos do laboratório, foram captados pelo comando norte-americano da defesa (Norad), às 16 horas 21 min. TMG.

Cerca de 20 a 50 pedaços do laboratório espacial americano foram observados no decurso da sua queda em direcção ao Sol pelos observadores dos aeródromos de Perth, Kalgoorlie, Esperance e Albânia, na parte sul-sudoeste da Austrália. Um piloto australiano afirmou ter feito idêntica observação. O governo australiano não assinalou nenhum estrago sobre o seu território depois da queda do «Skylab», indicou a Nasa às 17 horas e 40 min. TMG.

Taça "Massacre do Pindjiguiti" conquistada pelas FARP

Três falhas dos homens do último reduto (duas das quais atribuídas às culpas do guarda-redes Pierre) valeram a equipa do Grupo Desportivo, Recreativo e Cultural das FARP, a conquista da Taça «Massacre do Pindjiguiti». Essa final, «tiranteimas», do torneio quadrangular, foi disputada ontem à noite no Estádio Lino Correia, com o resultado de três bolas a duas, favorável a equipa farpense.

Os militares aproveitaram muito bem as referidas falhas, marcando 3 tentos nos 45 minutos, por intermédio de Lásana (2) e Cláudio, que lhes viriam a dar, no termo do encontro, vantagem sobre os seus antagonistas do Bula Futebol Clube. Este só conseguiu marcar dois golos (um em cada 45 minutos), por intermédio do seu capitão, Gil.

O jogo foi bem disputado, desde o primeiro ao último apito do árbitro J. Gomes. Tanto as FARP como o Bula, desperdiçaram ocasiões de golo.

O torneio foi organizado pelo Conselho Superior dos Desportos, em colaboração com a Federação Nacional de Futebol (com fins de angariação de fundos), em saudação ao XX Aniversário do Massacre do Pindjiguiti.

As duas equipas alinharam da seguinte maneira: FARP: — Karaté; Elói, Matos, Augusto Mário e Dinis (depois Mami), Lásana, Bubo (Jaque) e Abulai; Idrissa, Cláudio e Ocante. BULA: — Pierre; Leonardo, Pascoal, Braima e Vitorino; Pedro Correia, Gil e Costa; Rui Casimiro, Veríssimo e Uri (depois Zinho).

foi o mês «record» de importações.

As exportações no primeiro trimestre orçaram em 37 mil e 397 contos, no segundo foram de 145 mil e 561 contos, no terceiro e no quarto, 123 mil e 978 contos e 115 mil e 711 contos respectivamente. Junho foi o mês em que mais exportámos, sendo o seu valor de 112 mil e 606 contos. O mês pior foi o de Fevereiro no valor de dois mil e 564 contos.

Durante o ano de 1978, a Guiné-Bissau comprou no estrangeiro, principalmente produtos alimentares e bebidas, no valor de 711 mil e 163 contos, es-

tando o arroz à testa das importações, na quantia de 30.102 toneladas e no valor de 411 mil e 787 contos. Gastaram-se 288 mil e 690 na aquisição de máquinas, aparelhos e seus acessórios. Em material de transporte empregámos 215 mil e 33 contos, sendo 64 mil e 234 contos para compra de automóveis de transporte de pessoas para outro veículo, gastamos 108 mil, 438 contos. Consumiram-se quase 80 mil contos em combustíveis todos importados e 42 mil contos e 361 contos e peças sobressalentes.